

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**Girlene do Nascimento Urbano**

**PROBLEMATIZANDO A PRÁTICA  
PEDAGÓGICA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA  
E A PRESENÇA DA CULTURA NORTE  
AMERICANA NO COTIDIANO DOS ALUNOS DA  
EMEF “EMEF HUMBERTO SOUSA MELLO”.**

**Campinas 2009**

**UNICAMP - FE - BIBLIOTECA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**Girlene do Nascimento Urbano**

**PROBLEMATIZANDO A PRÁTICA  
PEDAGÓGICA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA  
E A PRESENÇA DA CULTURA NORTE  
AMERICANA NO COTIDIANO DOS ALUNOS DA  
EMEF “EMEF HUMBERTO SOUSA MELLO”.**

Monografia apresentada à Faculdade  
de Educação da Unicamp para a  
obtenção do título de especialista em  
educação, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>  
Dra. Afira Vianna Ripper.

**Campinas 2009**

|             |        |
|-------------|--------|
| UNIDADE:    | FE     |
| Nº CHAMADA  |        |
|             | Ur19p  |
| V:          | EX:    |
| Tombo:      | 4306   |
| PROC.:      |        |
| C:          | D:     |
| PREÇO:      |        |
| DATA:       |        |
| CÓD TÍTULO: | 477025 |

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Ur19p

Urbano, Girlene do Nascimento

Problematizando a prática pedagógica no ensino da língua inglesa e a presença da cultura norte-americana no cotidiano dos alunos da "EMEF Humberto Sousa Mello" / Girlene do Nascimento Urbano. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Afira Vianna Ripper.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Freinet, Método de educação. 3. Invariantes. 4. Pedagogia 5. Educação básica. I. Ripper, Afira Vianna.. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-366-BFE

*Dedico este trabalho a todos que me apoiaram e  
incentivaram, incondicionalmente.  
Em especial ao meu marido e ao meu filho.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente:

Ao meu marido, pelo apoio e compreensão, sempre.

Ao meu filho, por, apesar de ainda estar em meu ventre, já me proporciona muitas alegrias.

A todos os meus familiares e colegas de curso. E também a todos os professores, em especial a Cidinha, pelo incentivo e por nunca deixar de acreditar em seus alunos.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, me apoiaram e ajudaram a concretizar este trabalho.

## MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

*Fernando Pessoa*

## RESUMO

Este estudo narra e analisa uma prática pedagógica norteada pela metodologia de pesquisa com alunos das 6ª séries A e B, no ano de 2008, na “EMEF Humberto Sousa Mello”, visando problematizar a forte presença da cultura norte americana em nosso país e a valorização da cultura do aluno ao aprender a Língua Inglesa.

A inquestionável e valorizada presença da Língua Inglesa e cultura norte americana em detrimento da nossa cultura foi repensada e mostrou que podemos nos apropriar do ferramental da língua inglesa tão difundida no mundo, para provocar discussões relevantes no processo pedagógico, trabalhando com textos, onde além de se analisar a estrutura da língua, propicie reflexões sobre a realidade do aluno, tornando o aprendizado mais significativo e ao mesmo tempo valorizando sua própria cultura.

Dessa forma, foi possível trabalhar técnicas de leitura e atividades orais dentro de um contexto real e significativo, a partir de materiais trazidos pelos próprios alunos devido ao processo de observação e pesquisa e entrevista com duas estrangeiras. Foi possível também transpor a barreira entre uma disciplina e outra – história, geografia, língua portuguesa, inglês – contribuindo para o que o aluno perceba que tudo está interligado e amplie sua visão de mundo.

Aprender uma língua não é um ato ingênuo. Ter conhecimento dos fatores social, econômico, político e histórico ajuda tanto o professor quanto o aprendiz a ter uma postura crítica perante o outro (estrangeiro) e aumentar o conhecimento e afirmação de sua própria identidade cultural.

Palavras-chave: cultura, valorização, identidade cultural, prática pedagógica, aprendizado.

# SUMÁRIO

|                                                                           |           |
|---------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Memorial. Da Infância às primeiras experiências profissionais.....</b> | <b>01</b> |
| ✓ Da escola.....                                                          | 03        |
| ✓ Da faculdade.....                                                       | 05        |
| ✓ A professora: novas Experiências.....                                   | 05        |
| ❖ Projetos.....                                                           | 07        |
| ✓ Reflexões.....                                                          | 08        |
| <b>Introdução.....</b>                                                    | <b>11</b> |
| <b>Processo de formação e língua inglesa.....</b>                         | <b>13</b> |
| ✓ A escola.....                                                           | 17        |
| ✓ Aprendizado da Língua Inglesa.....                                      | 19        |
| <b>Língua Inglesa e Pesquisa.....</b>                                     | <b>23</b> |
| ✓ Aprender inglês: Dominar uma cultura ou ser dominado por ela?.....      | 24        |
| ✓ Investigando com os alunos.....                                         | 26        |
| ❖ A língua inglesa no dia-a-dia.....                                      | 27        |
| ❖ Nomes de lojas em Inglês no Shopping D. Pedro.....                      | 28        |
| ❖ Encontro com duas estrangeiras.....                                     | 30        |
| <b>Mapeando identidades.....</b>                                          | <b>33</b> |
| <b>Considerações finais.....</b>                                          | <b>40</b> |
| <b>Bibliografia.....</b>                                                  | <b>42</b> |
| <b>Anexo.....</b>                                                         | <b>44</b> |

## **DA INFÂNCIA ÀS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS**

Sou a filha mais nova de um casal de migrantes pernambucanos. Meus pais vieram de Serra Talhada e se casaram no interior estado de São Paulo. Moraram em algumas fazendas e sítios da região da Alta Paulista. Dessa união nasceram seis filhos. Fui gerada na primeira propriedade que eles conseguiram comprar com muito esforço e trabalho – uma pequena chácara, com muitas árvores e pomar.

Teoricamente, o filho mais novo de um casal, sempre é rodeado de mimos pelos pais e irmãos mais velhos. No meu caso, só em partes essa teoria pode ser aplicada. Minha mãe tinha uma preocupação excessiva com o meu bem estar. Talvez pelo fato de, numa gravidez anterior a minha, ela tenha perdido um bebê no oitavo mês de gestação devido a uma queda. Na condição de filha mais nova, sempre tinha algumas vantagens em relação aos demais irmãos por conta, principalmente, de minha mãe, o que gerava ciúmes dos demais.

Lembro-me, certa vez, que minha mãe pediu para meus irmãos e irmãs tomarem conta de mim enquanto ela lavava roupa. Isso significava para eles que eles não poderiam ir para longe, nem brincarem do queriam. Então, eles resolveram dar um jeito de reverter essa situação a favor deles. Decidiram que iriam brincar de “cabra-cega”. Amarraram uma venda em meus olhos e eu, sem enxergar, tinha que ir em direção aos seus gritos e tentar pegá-los. Ouvia “morno!”, “quente!!!”, “frio!!”. Estava me sentindo o máximo, pois eles quase nunca me deixavam participar de suas brincadeiras e, nossa, havia ouvido “quente!!!”, ou seja, quase tinha pegado algum deles. Após alguns minutos de brincadeira, percebi que seus gritos estavam se distanciando cada vez mais, até ficar um quase completo silêncio, que era quebrado somente por barulhos

corriqueiros: mugidos de vaca, galo cantando, passarinhos piando. Até que, andando às cegas cai sobre um amontoado de entulho, machucando e chorando, não só pela dor física, mas, principalmente pela dor da tristeza, revolta e humilhação de ser, mais uma vez, enganada.

Fui salva pela minha mãe, que me cobriu de carinhos e prometeu castigá-los quando retornassem.

Mas, não tinha jeito, era sempre assim. Minha mãe brigava com eles, colocava-os de castigo, e quando, em minha memória de criança, esquecia do acontecido e aproximava-me deles com intenção de brincar, ainda ouvia: “Viu o que você fez! Por sua culpa estamos de castigo e, agora, não podemos mais brincar! Saia já daqui ‘mimadinha’ da mamãe! Chorona!”

Com o tempo, aprendi a ser mais independente, a brincar sozinha. E, então, não sei o que deu neles, começaram a, de vez em quando, me convidar para algumas de suas brincadeiras.

Porém, esse tempo de trégua, passou logo. Minha mãe decidiu ir visitar minha avó, tios e tias que estavam morando em São Paulo. Meus pais não tinham condição de levar a família toda. Decidiu-se que iria somente minha mãe e eu. Meu pai ficaria trabalhando e tomando conta de meus irmãos. Minha irmã mais velha ficaria responsável pela comida e de olhar os menores. Chegando o dia tão esperado, minha mãe arrumava as nossas malas, enquanto dava mil recomendações aos demais. Meu coração mal cabia no peito, só de pensar que iria viajar a noite inteirinha e mais um pedaço da manhã de trem. Eu nunca tinha andado de trem antes. Mas ele era um velho conhecido nosso, que passava todos os dias no fundo da nossa chácara. Gostávamos de, ao ouvir seu apito, sair em disparada para acenar para os passageiros. Além da expectativa de andar de trem, havia o encantamento de conhecer uma cidade grande, a maior do Brasil – São Paulo. Minha mãe havia me contado que lá fazia muito frio, que garoava, que havia muitos carros, ônibus que carregavam as pessoas de um lugar para o outro, poluição e fumaça que deixava os olhos irritados, primos e primas que iriam brincar comigo. Era muita felicidade.

Na volta eu e minha mãe fomos bombardeadas de perguntas. Todos queriam saber em detalhes de tudo o que havíamos visto lá. Passado o

momento de felicidade e curiosidade, ressurgiram as implicações e ciúmes de meus irmãos e irmãs que durou por mais algum tempo. Na adolescência, cada um estava mais voltado para seus próprios interesses, com menos ciúmes e uma relação mais amigável.

## Da escola

A primeira experiência escolar foi aos seis anos. Não cursei nem infantil, nem pré-primário. “Vai ter que passar tantos anos na escola, então que lhe seja poupado ao menos os anos iniciais” – isso foi o que minha mãe disse quando lhe questionei porque todos os meus amigos tinham feito pré-primário e eu não.

Lembro-me da primeira professora, a Dona Marina, contando uma história para nos ensinar a letra “A”. Apaixonei-me por essa letra. Era a vogal que mais gostava. Depois vieram muitas outras e aprendi a ler e a escrever.

Terceira série. Professora Fusako. Era odiada por meus irmãos e logo entendi o porquê. Era uma japonesa, estatura baixa, cabelos curtíssimos, calça social e camisa estilo masculina, só que justa. Mudavam as cores e as estampas, mas sempre era calça e camisa. As unhas eram longas e vermelhas durante os cento e oitenta dias letivos. Ainda sou capaz de recordar com clareza delas devido a um belo beliscão que recebi discretamente junto do sussurro: “quantas vezes será que terei que lhe dizer que margem existe para ser respeitada!”.

Quarta série. Professor João Dalberto. Era amado por todos por vários motivos – era engraçado, contava histórias, nos respeitava e se interessava pela nossa vida. Um verdadeiro mestre.

Lembro-me que, certa vez, ao ir para a escola com meu irmão, atravessamos a rua correndo. Nós vimos que vinha um carro, mas achamos que daria tempo. E deu. Só que eu escorreguei e cai. Tivemos sorte, pois o carro conseguiu frear antes de me atingir. Juntamos meu material que havia se espalhado pelo paralelepípedo e saímos em disparada maior ainda, com medo do motorista que já descia do carro. Somente há um quarteirão da escola paramos para ver o estrago. Meu joelho estava todo ralado e sangrava um pouco. Meus olhos se encheram d’água, mas tive que conter as lágrimas

enquanto ouvia as ameaças de meu irmão que, caso eu contasse para minha mãe, eu jamais iria ou voltaria da escola com ele novamente.

Todos os dias, no início das aulas do professor João Dalberto, tínhamos que cantar o Hino Nacional. Todos em pé, com a mão direita no peito iniciávamos o canto. Porém, nesse dia, acho que devido às emoções do incidente narrado acima, passei mal. Alguns momentos após o início do Hino senti algo diferente. Minha voz não queria sair. Fazia um esforço enorme e nada. Então, fiquei somente em pé com a mão no peito e torcendo para que o professor e nem ninguém percebesse. Daí alguns segundos começou a ficar difícil ficar em pé. Quando percebi que iria desmaiar, sentei-me na cadeira a ouvir um longínquo "... Deitado eternamente em berço esplêndido..." Quando dei por mim, seu João estava ao meu lado, enquanto os demais alunos, ao invés de cantarem, apenas murmuravam frases de curiosidade "O que está acontecendo?", "ela está passando mal?!".

Como me restabeleci de forma rápida, a aula transcorreu normalmente. Mas, qual foi a minha surpresa ao ver meu professor, durante o intervalo, me procurando pelo pátio da escola para verificar se estava tudo bem.

Seu João era admirado e querido por todos, não só pela preocupação pessoal que tinha por cada um de nós, mas também por suas aulas diferentes. Aprendemos a ler de forma dramatizada, os poemas tinham que ser recitados com emoção. Ensaiávamos peças de teatro para depois apresentarmos nos eventos comemorativos da escola, ou ainda para os velhinhos do asilo da cidade. Foi um ano intenso de vivências diferentes e emocionantes.

Reencontrei o professor João Dalberto mais tarde, nas aulas de literatura do Ensino Médio e da Faculdade.

## Da faculdade

Sou capaz de lembrar até hoje da fala de minha irmã: “As fases mais difíceis da vida são quando você tem que escolher uma profissão que você goste e que esteja dentro de suas possibilidades e depois, quando você termina a faculdade e tem que procurar emprego”.

Fui obrigada a concordar com minha irmã. Simpatizava-me com alguns cursos, mas não havia exatamente uma paixão por nenhuma profissão. Havia uma colega de turma que me convenceu em prestar vestibular na UNESP de Presidente Prudente e lá optei por Relações Públicas. Não passei, mas fiquei na lista de espera. Porém não verifiquei se havia chance de ser chamada ou não, pois não tinha como me manter lá, minha família não apoiava esta idéia e colocava muito medo - “Onde você vai morar? Como vai comer? Onde vai arrumar dinheiro para se manter?”. Desisti.

Prestei vestibular na cidade vizinha sem grande entusiasmo. Escolhi o curso de Letras. Gostava das aulas de português, principalmente de literatura e de redação. Os anos na Faculdade transcorreram de forma tranqüila. Trabalhava durante o dia numa loja de calçados e à noite estudava. Época muito boa, não só nos estudos, mas de toda a magia que envolve as experiências dessa idade. Novas amizades, namoros, expectativas em relação ao futuro, etc.

## A professora: novas Experiências

Finda a graduação, novo drama! Muitos de meus colegas de curso tinham como objetivo morar em uma cidade maior, onde havia mais possibilidades de lecionar. Em cidades pequenas, como na região onde morava, eram escassas as chances. Resolvi, também, fazer inscrição na Diretoria de Ensino de Campinas. Depois de mais ou menos um mês, retornei a Campinas, só que dessa vez, para ficar. Consegui algumas aulas numa escola próxima ao local onde estava morando. Alguns dias depois, completei a jornada em outra escola.

Difícil o começo da nova experiência, principalmente porque aliava o aspecto profissional e pessoal. Morar em uma cidade maior, longe da família e

amigos. Passava horas e horas preparando aulas. Apesar de tantos anos nos bancos escolares, quando passei a desempenhar o papel de professora tinha a ilusão de ensinar como algo mecânico – preparava as explicações, os exercícios e os alunos aprenderiam. Tudo muito simples. Só que na prática, as coisas não funcionam bem assim. Quanta decepção na correção das primeiras provas. Com os cursos, nas conversas com os colegas de trabalho mais experientes, mas, principalmente com as experiências do dia-a-dia, fui descobrindo a infinidade de situações sociais, familiares, pessoais que perpassam na formação de indivíduo. E, aos poucos, fui me livrando do imenso peso que carregava por causa das dificuldades de meus alunos e a cada situação, surgia a necessidade de buscar ajuda, de trabalhar em conjunto com os demais professores, pois, sozinha, sabia que seria bem mais complicado operar no pedagógico/ educativo de forma eficiente.

No ano seguinte, lecionei em uma única escola. Lá, havia outros professores na mesma condição – novos na profissão e na cidade. E todos com muita vontade de aprender, de melhorar. Preparávamos muita atividade extraclasse: jogos, teatros, jograis, músicas, passeios. A criançada adorava. E nós também, já que o trabalho só dentro da sala de aula era pouco produtivo. Os alunos eram muito agitados e indisciplinados e, para conseguirmos que eles participassem da parte teórica e expositiva, havíamos que negociar atividades que lhes fossem interessantes.

Participei de algumas disciplinas como aluna-especial na Unicamp. O conhecimento adquirido nessas aulas, mais um cursinho preparatório contribuíram para a aprovação no concurso da rede estadual de ensino, como professora de português e de inglês. Alguns anos depois, deixei o cargo de português para efetivar-me na rede municipal de Campinas como professora de inglês.

## Projetos

No aprendizado de uma língua estrangeira, é sempre um desafio se desenvolver as quatro habilidades – ouvir e compreender, falar, ler e escrever – principalmente com turmas numerosas.

Romper a barreira da vergonha, da exposição e do medo de errar é algo que precisa ser feito com muito cuidado para que o aluno se sinta seguro e se envolva com o novo idioma.

Certa vez, após o trabalho com os alunos do Ensino Médio de um vocabulário sobre alimentação e estudar um texto sobre dieta balanceada e outro com a entrevista de uma nutricionista, pedi aos alunos que preparassem a seguinte atividade em grupos: deveriam escrever uma receita em inglês e apresentá-la aos demais alunos da sala. Trariam os ingredientes e seus nomes em inglês e “fazer de conta” que estavam preparando a receita, ensinando os demais colegas, tudo em inglês. Eles sugeriram que poderiam trazer uma receita pronta para que os colegas pudessem degustá-la, já que usar a cozinha da escola e fazer a receita em tempo real levaria muito tempo.

Os alunos adoraram fazer esse trabalho. Foi muito produtivo porque, além de pesquisarem o vocabulário relacionado à receita escolhida, foi necessário memorizar e falar a receita em inglês para os colegas.

Outra atividade interessante desenvolvida com alunos de uma quinta série do Ensino Fundamental foi a elaboração de uma receita. Mas desta vez com a sala toda e com a ajuda da professora de matemática. Trabalhei o vocabulário de uma receita simples de bolo de liquidificador e as medidas em inglês. A professora de matemática estava trabalhando fração. No dia combinado cada grupo de alunos ficou responsável em trazer parte dos ingredientes. Reunimo-nos na cozinha. Na ordem da receita, um aluno se dirigia até a frente, falava o nome em inglês do ingrediente e a quantidade e depositava-o no liquidificador. Depois da massa pronta, o bolo era assado e degustado por todos. As crianças também gostaram muito dessa atividade.

Percebemos que, quando saímos da rotina do modelo de aula expositiva e o aluno participa de forma ativa da aula, o processo de ensino-aprendizagem torna-se algo prazeroso e inesquecível.

Outra forma interessante e agradável de trabalhar no cotidiano da escola é com o projeto de pesquisa. No curso de especialização “A pesquisa e a tecnologia na formação docente”, nós, professores participantes, descobrimos uma nova forma de compreender o processo de ensino-aprendizagem.

## Reflexões

A profissão de professor, assim como muitas outras, não pode ser realizada como algo mecânico. Não posso pensar em meu aluno como uma máquina receptora e reprodutora de conceitos. Atrás de cada aluno há uma história que o constitui e que rege a sua interação com o mundo.

Quando comecei a trabalhar como professora, muitos colegas já com algum tempo de profissão aconselhavam-me: “Você não pode mostrar os dentes para os alunos”, “Tem que manter a disciplina”, etc. Porém, eu não tinha e não tenho esse perfil de profissional. Gosto de conversar com meus alunos, de negociar, de ouvi-los. Muitas vezes, sinto que sou incompreendida até mesmo pelos próprios alunos, que entendem que o bom professor é aquele pelo qual eles sentem medo e que os mantém em silêncio.

É óbvio que, algumas vezes, não dá para manter um clima de completa harmonia em sala de aula, já que alguns alunos apresentam um comportamento inadequado. Mas, com o tempo, aprendi que não há um manual para manter a disciplina e que façam os alunos aprenderem. A única regra com a qual eu concordo é que, temos que seguir o nosso bom senso para obtermos um bom relacionamento com os alunos e promover situações para que eles se tornem também responsáveis pelo seu aprendizado. Foi um caminho longo para eu aprender tudo isso. E não acredito que tenha descoberto tudo sobre ser um bom profissional. A sociedade muda e com ela nossa maneira de pensar e agir.

A família tem sofrido transformações, principalmente devido às influências dos meios de informação e ao nosso atual sistema político – o neoliberalismo – que estimula o consumo desenfreado, fazendo com que os pais trabalhem mais e fiquem menos tempo com os filhos.

Esse tipo de comportamento é refletido diretamente não só na sala de aula como na sociedade de um modo geral.

Lembro-me que, quando criança, embora meus pais tenham sido bem presentes, em relação à escola não tínhamos um acompanhamento muito próximo. Meu pai é analfabeto. Minha mãe estudou até a quarta série e apesar de ser a única que podia nos ajudar, ela não tinha tempo. Com seis filhos, com diferença de idade de mais ou menos um ano e meio, dois anos entre um e outro. Era muito trabalho. Lembro-me que não havia água encanada. Tínhamos que tirar água do poço para tudo. Então, meus pais sempre nos alertaram sobre a importância de estudar e de sermos responsáveis pelo nosso futuro.

Reprovei de ano na quinta série. Sei que se alguém estivesse mais próximo de mim, acompanhando meu desempenho escolar, isso não teria acontecido. Não estou culpando meus pais que, como já citei, não tinham tempo nem condições. Agradeço-os sempre pelas orientações sobre a vida, sobre sermos nós mesmos responsáveis pelo nosso futuro. Faço essa citação só para ilustrar como é importante o acompanhamento dos pais nas lições diárias dos filhos, em acompanhá-los, orientá-los.

Sinto-me feliz em ser professora. Já trabalhei em outros lugares, fiz alguns cursos direcionados a outras profissões. Porém, nunca consegui abandonar a sala de aula. Isso não significa que tudo esteja do jeito que eu gostaria. E é claro que, certamente procurei outros cursos, justamente em momentos de crise, de desacreditar na instituição escolar.

Quando citei que sinto-me feliz em minha profissão, não significa um objetivo alcançado, visto que não entendo a realização e a felicidade como algo estático, definitivo. Entendo-os como momentos, passagens. Portanto, nunca estaremos completos, concluídos, sempre há muito a ser aprendido, a ser alcançado.

Além da atuação do professor em sala de aula e de todos os conflitos individuais que permeiam sua identidade profissional, há também as questões políticas que nos influenciam o tempo todo. É sabido por todos o prestígio que tinha um professor algumas décadas atrás. E que, atualmente, há uma degradação constante em torno da imagem deste profissional. Degradação construída por vários fatores, mas principalmente pela forma como nossos governantes, através de uma política educacional e salarial impositivas, nos desvalorizam e nos fazem desacreditados perante a sociedade.

Acredito que, para termos uma mudança na atual situação do ensino e, conseqüentemente em nossa sociedade, o professor tem que estar melhor preparado, melhor remunerado e valorizado.

Somente a questão salarial não é suficiente para a valorização do professor. Acho muito difícil um professor com uma carga horária excessiva ter a mesma disposição e qualidade de trabalho que um professor com uma carga horária menor. O professor tem que ganhar suficientemente bem para ter uma carga horária de trabalho reduzida para sobrar-lhe tempo para a preparação de aulas e para participar de cursos de formação.

# INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é compreender a minha prática pedagógica no ensino da Língua Inglesa por meio de pesquisa realizada tanto pelo aluno quanto pelo o professor. Isso porque, para ensinar, é necessário, antes de tudo, ser pesquisador. O professor que pesquisa pode valer-se dessa prática para ampliar o seu conhecimento e para aperfeiçoar sua metodologia de ensino, levando também o aluno a desenvolver habilidade e gosto para a pesquisa científica. Além de estimular a reflexão sobre questões políticas e históricas que envolvem a aprendizagem de uma língua.

Repenso o meu papel de professora e o do aluno para que se tornem sujeitos conscientes e emancipados com importante desempenho no contexto social. Assim, a pesquisa torna-se importante ferramenta de viabilização desse processo, tanto para o professor quanto para o aluno. Aluno-pesquisador e professor-pesquisador, autores e responsáveis pelos caminhos a serem trilhados.

Este trabalho teve duas linhas norteadoras: 1) Estimular a aprendizagem através do processo de pesquisa científica; 2) Tornar o aluno consciente das influências que sofremos através da presença da cultura norte-americana em nosso dia-a-dia.

O primeiro passo foi o de observar o quanto a língua inglesa está presente na rotina de cada aluno e no mundo que o cerca. Em seguida, os alunos produziram gráficos com os dados levantados. Outro momento relevante foi o encontro e entrevista com duas estrangeiras.

Descrevo e analiso um processo pedagógico com alunos do ensino fundamental da EMEF Humberto Sousa Mello, no município de Campinas desenvolvido durante as aulas de inglês, utilizando a metodologia de pesquisa no projeto denominado “Aprender inglês: dominar uma cultura ou ser dominado por ela?!”, visando a aprendizagem da língua inglesa de forma crítica, reflexiva em que aconteça a participação efetiva do educando em seu processo de formação, portanto, maior autonomia aos alunos. Além do aprendizado da

língua em si, também observaram e discutiram questões envolvidas na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Aponto algumas possibilidades de ações futuras de forma a colaborar com a construção de identidade desses alunos.

# PROCESSO DE FORMAÇÃO E LÍNGUA INGLESA

Nós somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e de flores.  
Passamos nosso tempo a organizar essas tribos, a dispô-las de outro modo,  
a eliminar algumas, a fazer prosperar outras.

E todos esses povos, todas essas multidões, não impedem o deserto, que é a nossa  
própria a-cena, ao contrário, eles o habitam, passam por ele, sobre ele.

(DELEUZE e PARNET, 1996, p.18, in Identidade & Discurso, 2003, p.24).

O processo de formação não pode e nem deve se limitar apenas ao ambiente de cursos de formação, universitário ou não. Ele deve estender-se a rotina de todo profissional, independente de quando este se formou – se recentemente ou a muito tempo. As universidades são providas de teorias desenvolvidas a partir de questionamento e observação de ambientes e de práticas profissionais, principalmente no que se refere ao ambiente educacional. Essa forma de (re)construção de conhecimento e de observação, reflexão e transformação da própria prática ocorre por meio de pesquisa.

Minayo (1994) define pesquisa:

Entendemos por *pesquisa* a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, *nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar um problema da vida prática*. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos. (MINAYO, 1994, p.17,18).

As pesquisas desenvolvidas nas universidades geram teorias, ou partem de algumas teorias para melhorá-las ou refutá-las. As teorias ajudam os profissionais a entenderem, repensarem e, possivelmente, modificarem suas práticas. A respeito de teoria, Minayo discorre:

Toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais.

Esse conhecimento anterior, construído por outros estudiosos e que lançam luz sobre a questão de nossa pesquisa, é chamada de teoria. A palavra teoria tem origem no verbo "theorein", cujo significado é "ver". A associação entre "ver" e "saber" é uma das bases da ciência ocidental.

A teoria é construída para explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos. Este conjunto citado constitui o domínio empírico da teoria, pois esta tem sempre um caráter abstrato.

Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar todos os fenômenos e processos. O investigador separa, recorta determinados aspectos significativos da realidade para trabalhá-los, buscando interconexão sistemática entre eles. (MINAYO, 1994, p. 18)

Portanto, o conhecimento de teorias e o desenvolvimento de pesquisa pode se revelar o meio pelo qual o professor pode dar início ao processo de transformação de sua prática, que não termina nunca, pois esta está sujeita a condições políticas, históricas e sociais, que, inevitavelmente, estão em constantes modificações.

De acordo com Moita Lopes (1996), em relação ao processo de formação de professores de línguas, os cursos formativos têm, minimamente, incluído aspectos relativos à competência lingüística do aluno-professor, a sua competência literária e a sua competência de ensino. O autor ainda afirma que, devido a uma série de fatores, a maioria dos cursos se ressentem de uma boa base teórica explícita sobre os processos de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula. Ou seja, a formação que os professores recebem não lhes permite fazer escolhas sobre o quê, o como e o porquê ensinar que sejam informadas teoricamente. O aluno-professor é treinado a partir de certos modismos sobre como ensinar línguas, isto é, recebe uma formação pautada por dogmas.

O aluno-professor recebe um treinamento no uso de técnicas de ensino advindas de manuais de ensino. Tais técnicas, normalmente, são desenvolvidas por um pesquisador que, muitas vezes, desconhece o contexto de ensino nas quais serão aplicadas. Moita Lopes afirma:

Na área de ensino de LEs, este conhecimento é desenvolvido, freqüentemente, por pesquisadores em centros internacionais de LA, que, portanto, não podem dar conta de aspectos idiossincráticos de contextos específicos de aprendizagem de línguas, tais como objetivos de ensino de países/grupos de alunos específicos, estilos de aprendizagem típicos de culturas particulares, atitudes de alunos e professores quanto à aprendizagem/ensino de línguas em contextos sociopolíticos diversos etc. Nesta visão de conhecimento acabado que se ajusta a qualquer meio de aprendizado e que o professor deve seguir dogmaticamente, a sala de aula é o lugar de certezas sobre o quê, o como e o porquê ensinar, refletidas nesta abordagem pronta e acabada. (MOITA LOPES, 1996, p. 180)

O desejo do professor consciente desses aspectos e que deseja que seu aluno seja crítico, sabe que, ao interagirmos socialmente, desempenhamos

papéis sociais específicos, carregados de marcas que revelam quem somos socialmente e que determinam o local que ocupamos nas relações de poder. Portanto, aprender a usar a linguagem é aprender a participar destes papéis sociais, que estão no microcosmo da sala de aula como reflexo do mundo fora da sala de aula.

Ensinar a usar uma língua é ensinar a se engajar na construção social do significado e, portanto, na construção das identidades sociais dos alunos.(...) A compreensão teórica destes processos discursivos possibilita a formação de um professor de línguas consciente das relações de poder implícitas no uso da linguagem e, portanto, da força do discurso na construção de significados que discriminam, humilham, subjagam aqueles situados em posição de desigualdade (cf. Fairelough, 1989 e 1992). Devido a esta característica do discurso, o professor de línguas tem papel crucial no desvelamento de crenças sobre a natureza social da linguagem que levam a criar/confirmar práticas sociais baseadas na desigualdade, que caçam a voz do outro e sua cidadania. (MOITA LOPES, 1996, p.182)

Portanto, para que o professor deixe de ser um mero executor de métodos desenvolvidos pelos outros – pesquisadores que estão fora da sala de aula – é necessário que o professor ainda em formação envolva-se na reflexão crítica de seu próprio trabalho, por meio da pesquisa – observar, refletir e transformar sua prática. Isso não significa que teorias desenvolvidas por outros pesquisadores não sejam relevantes, apenas que o professor adote uma reflexão crítica perante seu trabalho.

O homem é um sujeito inacabado. Sempre o será. Nunca estaremos completos, perfeitos, produto final. Se observarmos ao longo da história, o ser humano passou por grandes transformações – físicas, psíquicas, sociais, espirituais. Saímos da caverna e adquirimos o conforto de nossas casas, com energia elétrica, água, alimentos. Porém, essa evolução nada mais é do que um paradoxo. Evoluímos tanto em alguns aspectos e, em outros, nada, nem um passo. Ou ainda, a nossa sociedade está constituída de tal forma que, em cada época, em cada espaço, percebemos a “involução” de muitos, a barbárie.

É comum ouvirmos frases como: “Nossa sociedade está doente”, “...as doenças do homem moderno”, ou ainda, “...a sociedade está entrando em colapso”, etc. Seria pertinente discutirmos as possíveis causas da situação atual. Poderíamos até realizar uma pesquisa de nossa evolução, ou melhor, da não-evolução de grande parte de nossa sociedade, pautados pelo ponto de vista histórico, sociológico, antropológico, etc. Entretanto, façamos apenas uma

rápida análise do homem moderno que é fruto dessa sociedade, pautados na nossa sensibilidade e percepção.

Vivemos numa sociedade desigual, injusta. Alguns ricos e detentores do poder em detrimento de uma grande população miserável e sem as condições mínimas de sobrevivência. É importante ressaltar que a palavra miserável não se restringe apenas a condições materiais, mas também as condições mentais, intelectuais, ou seja, do poder de tomadas de decisões, de autonomia.

Diante dessa realidade, o que fazer? Quais são as possibilidades de transformação? Em busca de respostas, encontramos a escola como local propício para dar condições a essas transformações. Que posturas e ações do professor (a) contribuem para a formação do aluno? Demo (2005) aponta algumas pistas como oferecer atividades para que o aluno aprenda a exercer a função de sujeito social e organizado e que a escola deve passar por transformações, deve deixar de ser reprodutora do sistema para ser transformadora, começando pela figura do professor. A emancipação deve acontecer primeiramente entre a classe docente.

Tudo é contraditado no dia-a-dia de uma sociedade que relega educação ao nível dos piores serviços públicos, manietando professores em situação de profunda indignidade profissional, (ibidem, 2005, p.82).

Ao criarmos condições para que o aluno seja co-responsável pelo seu processo de aprendizagem, estamos oferecendo-lhe condições para que reconquiste “suas pernas e pés” que foram “roubados” por um sistema opressor. E assim, guiados pela consciência liberta, sensível e imbuída de senso de responsabilidade social, caminhe e participe do processo de transformação da sociedade, realizada a partir de necessidades e desejos dos envolvidos e não vinda de instâncias superiores, de forma imposta e alienante.

## A escola

Escola. Uma única palavra, porém provida de tantos significados e possibilidades. A escola, a princípio, deve ser entendida como o espaço onde possibilita o contato sistemático do aluno com o mundo sem fim da leitura, da escrita, da ampliação do conhecimento e suas diversas áreas, do mundo cultural, etc. Porém, numa visão um pouco mais ampla, percebemos ser a escola um espaço político, de possibilidades múltiplas, que atende interesses múltiplos dentro de um processo histórico.

(...) com o avanço do processo de industrialização, a escola passa a ser o lugar privilegiado de formação do novo trabalhador. Começam as distinções entre a educação do povo para o trabalho e a educação daqueles que conceberiam e dirigiriam o processo de produção e o controle social e político, compondo sistemas duais de ensino, (DICKEL, 2003, p.36).

O sistema dual de ensino teve início dentro de um contexto em que a escola passa a ter importante função no desenvolvimento econômico social. Essa transformação do papel da escola em preparar o indivíduo para o trabalho teve início no final do século XIX e início do século XX. Entretanto, ainda hoje, sentimos o efeito nefasto desse sistema de ensino – a escola desempenhando o papel de reprodutora de um sistema altamente excludente.

Na esfera escolar, essa exclusão se dá, fundamentalmente, pela organização da escola, inserida em um sistema ensurdecido em relação às demandas sociais provenientes das camadas populares, e, mesmo sem culpá-lo, como diz Connell (1996) mas também sem ignorá-lo, através do trabalho do professor, (DICKEL, 2003, p.40).

É diante dessa realidade que, cada vez mais, torna-se necessária uma transformação real e contínua no cotidiano escolar. São diversas as literaturas que apontam o professor como ponto de partida nesse processo de “coerção” do sistema. Pedro Demo (2005) cita a emancipação do professor e do aluno no processo de ensino-aprendizagem; Kramer (2001) alerta sobre a necessidade da produção da escrita com sentido real, com liberdade, para possibilitar a autonomia; Adriana Dickel (2003) cita Zeichner quando destaca a necessidade da prática reflexiva do professor dentro de dimensões sociais e políticas da educação e do contexto no qual ele está inserido, e, ainda, cita Stenhouse para elucidar a importância de se elaborar um currículo, em contínuo desenvolvimento e reavaliação, que contribuísse para a emancipação dos sujeitos que convivem na escola.

Para que professor e, conseqüentemente, aluno se tornem sujeitos emancipados e autônomos, a partir do modelo prático-reflexivo e, preferencialmente, emancipatório-político de ensino, o trabalho com a pesquisa é uma das alternativas que possibilitam tal acontecimento. Todos os autores citados acima são unânimes nesse conceito.

(...) emancipação significa autonomia, é a arma de luta contra o paternalismo e a autoridade. (...) a pesquisa como indagação baseada na curiosidade, no desejo de compreender, torna-se uma tarefa cotidiana e, por isso mesmo, perigosa por conduzir a uma inovação intelectual potencialmente capaz de exigir uma mudança social, (DICKEL, 2003, p.46 e 52).

Torna-se importante ressaltar que a idéia de desenvolver projeto de pesquisa com os alunos, não é, de todo, algo novo para eles, se partirmos do pressuposto que a vida é constituída de ilusões, sonhos, utopias que nos impulsionam a agir, projetar para tentar torná-los realidade. É inerente ao ser humano ter metas, projetar, agir. Quando há a ausência de projetos, tanto em sentido pessoal quanto em sentido coletivo, associa-se a idéia de crise. Crise pode ser ainda definida como a necessidade de uma transformação radical nos projetos que nos mantêm vivos ou nos valores que os sustentam. Sendo assim, sem projeto, sem meta a ser atingida, o ser humano verdadeiramente não é. Machado (2000).

## Aprendizado da Língua Inglesa

É comum observarmos o comportamento de admiração por parte de brasileiros em relação ao que é estrangeiro. Principalmente quando esse estrangeiro se refere a países que gozam de prestígio econômico e político em relação aos demais países.

De acordo Moita Lopes (1996), esse prestígio também pode ser observado durante as aulas de língua estrangeira (LE) nas atitudes tanto de alunos quanto de professores. Tal comportamento sugere uma afirmação da glorificação de uma cultura estrangeira que pode ser explicado através da observação do contexto histórico, político e social do Brasil – uma pátria colonizada.

Para o autor, o ensino de LE no Brasil está vinculado não somente ao aspecto instrumental da língua, mas, na maioria das vezes, também ao aspecto cultural, ao uso, que é enfatizado tanto pelos professores de língua quanto pelos livros didáticos.

Primeiramente, vale lembrar que os alunos aprendem LE com objetivos variados – alguns possuem motivação instrumental (que envolve principalmente o desenvolvimento de habilidades leitoras), enquanto outros possuem motivação integrativa. E se observarmos nossos alunos de escola pública, principalmente os do Ensino Médio, perceberemos que dentro de suas realidades, será muito mais útil e prático o uso instrumental da LE do que o uso de uma abordagem comunicativa, integrativa, que possibilite uma biculturação.

O conceito de relatividade cultural deve ser ressaltado, mas é preciso observar como ensinar LE sem fomentar preconceitos em relação ao Brasil, sem ferir a identidade cultural do aluno. Não se pode esquecer que as regras gramaticais, as formas lingüísticas, por exemplo, na maioria dos casos serão esquecidas, mas os valores sobre os comportamentos dos falantes nativos de LE serão de mais difícil esquecimento.

Moita Lopes enfatiza, ainda, que o aspecto político do ensino de línguas deve ser levado em conta. Transmitir uma visão colonizadora do Brasil através do ensino de inglês é um ato político. (MOITA LOPES, 1996, p. 42, 43).

A insistência em uma motivação excessivamente integrativa pode ser tomada como uma forma de colonização cultural e lingüística. A exigência de uma pronúncia tão perfeita quanto a do nativo e a incorporação de hábitos culturais, ou seja, a cópia xérox do falante nativo não podem ter outro motivo senão o de domínio cultural. Tal atitude de imitação perfeita é o primeiro sintoma de alienação a se detectar, já que se trata de uma identificação total com o "outro", com o conseqüente abandono de sua própria identidade cultural.

Para uma melhor compreensão do conceito de atitude colonizada identificada na postura dos alunos estudantes de LE e dos brasileiros em geral frente ao estrangeiro (lembrando: não qualquer estrangeiro, mas principalmente o estrangeiro do país bem sucedido política e economicamente) é preciso relembrar qual foi a postura de nossos colonizadores portugueses, incluindo a carta de Caminha, a missão dos jesuítas a partir do século XVI e, ainda, as missões americanas do século XX.

Moita Lopes (1996, p.44) cita o seguinte trecho da carta de Pero Vaz de Caminha (reedição de 1974) ao rei de Portugal narrando a descoberta do Brasil:

Nela (nesta terra) até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro; nem lho vimos (p.82) e

Enquanto ali, este dia andaram, sempre ao som dum tamborim nosso dançaram e bailaram com os nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus (p.75).

Em todas as situações o conceito de colonização gira em torno de exploração da natureza com conseqüências desastrosas no âmbito ecológico do país colonizado. Em troca os colonizadores oferecem os "benefícios" da cultura intelectual da civilização. Percebemos desde a carta de Caminha o tom de superioridade perante a civilização indígena do Brasil. E assim ocorreu com todos os outros povos que penetraram em nosso país com algum propósito de colonização. Desta forma, desde o princípio fomos significados como inferiores e ingênuos, sem nenhum respeito a nossa cultura indígena, a nossa língua e religião. Por outro lado, os colonizadores foram significados como povos mais avançados, portanto, detentores do poder de decisão sobre o rumo de nossa civilização. Conclui-se, portanto, que esta postura de admiração e curiosidade do brasileiro pela cultura estrangeira advém desde o princípio de nossa colonização, a partir de uma postura etnocêntrica do colonizador – da maneira como fomos significados pelo olhar estrangeiro e como nos significamos.

Desta forma, podemos obter uma melhor compreensão da atitude dos brasileiros frente ao estrangeiro. O trabalho de pesquisa realizado com os alunos da 6ª s séries A e B, no ano de 2008, na EMEF Gal. Humberto Sousa Mello, e a entrevista que eles realizaram com duas estrangeiras – uma americana e uma alemã – revelaram uma atitude bastante positiva a itens característicos da cultura estrangeira e até mesmo uma admiração aos aspectos físicos delas.

Em tempos mais recentes, outros fatores políticos, econômicos e sociais têm contribuído para reforçar o etnocentrismo, principalmente de países norteamericanos. O fenômeno da globalização, que podemos resumir na importação não só de produtos, mas do jeito americano de viver, tem influenciado não só o Brasil, mas quase todos os países do globo terrestre. Filmes, músicas, vestimentas, alimentação, tecnologia, etc., vindos principalmente dos Estados Unidos influenciam cada vez mais cada cidadão, independente do país em que vive. E, então, cercados de toda essa influência, a língua inglesa tornou-se uma língua franca. Não porque houve um critério de escolha, nem tão pouco foi por imposição de determinadas nações, mas sim por questões políticas e econômicas, principalmente. A língua inglesa foi se tornando, cada vez mais, uma necessidade no dia-a-dia de todo cidadão. Não precisamente há a necessidade de saber falar fluentemente o idioma, mas pode-se observar a necessidade de um nível de compreensão básica de leitura para possibilitar o acesso à ciência, à tecnologia (internet, manuais de eletroeletrônicos, etc) e para o aprofundamento em conhecimentos acadêmicos, já que há pouco material teórico escrito ou traduzido para o português nas diversas áreas científicas. Como aponta Walesko (2006, p.13):

Sem dúvida, o fenômeno da globalização, iniciado a partir de mudanças de ordem econômica que aconteceram nas décadas de 1970 e 1980, gerou a necessidade de comunicação entre culturas diversas. A sociedade global do século XX prevê novas condições sociais, econômicas, políticas e culturais nas quais se constitui o cidadão do mundo; o cidadão que transcende o regional e nacional para se inserir no mundial, para ter acesso ao desenvolvimento, necessitando, para tanto, do conhecimento da língua franca. Obviamente questões relacionadas ao poder político-econômico de países desenvolvidos, cuja língua oficial é o inglês, sobre países subdesenvolvidos, exerceram forte influência para que a língua inglesa viesse a se tornar, hoje, a língua franca ou "internacional".

Vivemos cercados de uma multiplicidade de informações, pessoas, objetos, animais, máquinas. Constituímos-nos nessas relações. Deixamos um

pouco de nós e levamos um pouco do outro. A língua e a cultura inglesa devido à aspectos político e econômico encontram-se num processo de intensa presença em nosso país, penetrando em nosso cotidiano e influenciando nossa maneira de ser. Portanto, definiu-se ter como objeto de pesquisa o estudo sobre as influências e transformações advindas deste processo. A seguir descreverei e analisarei esse processo.

# LÍNGUA INGLESA E PESQUISA

Para que o processo de ensino de uma língua estrangeira não seja culturalmente agressivo, uma possibilidade é o trabalho de pesquisa por possibilitar reflexão e construção do conhecimento.

O trabalho de pesquisa torna-se importante ferramenta de viabilização desse processo emancipatório, tanto para o professor quanto para o aluno. Aluno-pesquisador e professor-pesquisador, autores e responsáveis pelos caminhos a serem trilhados e não mais peças de um sistema opressor e alienante.

Portanto, a partir dessa concepção de projeto, o professor pode trazê-la para o âmbito escolar e adequá-lo aos parâmetros da pesquisa científica. Certamente, esse é um dos caminhos que poderá, de fato, devolver à escola o papel de transformação pessoal de cada um de seus alunos e, conseqüentemente, de transformação social.

Os alunos, após discussão, optaram pesquisar o porquê aprender a língua inglesa na escola e não outra língua. A partir dessa decisão foram elencadas algumas atividades iniciais e outras que foram decididas ao longo do processo. A seguir, as ações realizadas: 1) observar a presença da língua inglesa no cotidiano; 2) visita a um shopping center da cidade; 3) realização de um gráfico no laboratório de informática da escola com a ajuda do professor de matemática; 4) entrevista com duas estrangeiras; 5) discussão do conceito de globalização, aprofundado nas aulas de geografia; 6) estudo de textos e discussão sobre o uso e incorporação de palavras estrangeiras no nosso idioma; 7) socialização do trabalho de pesquisa com outras classes da escola; 8) participação da IV Feira Científica – Projeto Ciência na Escola – Unicamp.

Para isso observaram a presença da língua inglesa em seu dia-a-dia. Pesquisaram e analisaram a presença da língua inglesa em um shopping center da cidade. Lá os alunos fizeram um levantamento da quantidade de lojas com nomes em inglês e perceberam que havia mais lojas com nomes em inglês do que em português. Após esse levantamento de dados, os alunos realizaram um gráfico com essas informações.

Para complementar a pesquisa, os alunos entrevistaram duas estrangeiras, uma americana do Texas e uma alemã, de Siegan. Através dessas entrevistas, os alunos puderam perguntar sobre suas curiosidades culturais e também do impacto de outras culturas nos Estados Unidos e sobre a influência da língua e da cultura americana na Alemanha. Assim, os alunos perceberam que não só no Brasil, mas em muitos outros países sofrem o impacto da língua e da cultura americana. Para ampliar a compreensão dos alunos, o professor de geografia trabalhou o conceito de globalização.

No final do ano letivo, os alunos apresentaram o desenvolvimento e o resultado da pesquisa para as outras séries da escola.

O trabalho de pesquisa é muito rico para todos os envolvidos, pois além de desenvolver o raciocínio crítico, desenvolve o a auto-estima do aluno e sua capacidade de participação.

## **Aprender inglês:**

### **Dominar uma cultura ou ser dominado por ela?**

A influência da cultura americana e da língua inglesa no cotidiano brasileiro é um fenômeno que ocorre desde a segunda guerra mundial.

É recorrente vermos crianças, jovens e adultos freqüentarem LAN Houses, happy hours, shopping centers, comerem x-burgers, tomarem milk shake, ouvirem no mp3 rock, rap, todos os tipos de música internacional, usarem All Star, Nike, jeans, camisetas com palavras e/ou frases em inglês, assistirem filmes “hollywoodianos”, etc.

O inglês tem fornecido uma vasta nomenclatura, demonstrando que o processo lingüístico está intimamente relacionado com a história sócio-político-cultural de um povo. Mas a entrada de elementos estrangeiros em uma língua não é fruto das relações supracitadas; trata-se antes de tudo de um fenômeno sociolingüístico ligado ao prestígio de que goza uma língua ou o povo que a fala. Outro aspecto relevante para a pesquisa está ligado aos modelos ideológicos e que opacam a percepção dos povos dominados a não perceberem a relação de dominação, chegando mesmo a desejá-la (ALVES, 1999). Assim, nesse processo, perde-se não só identidade cultural, mas também a idiomática (SILVEIRA, 1998), sendo que uma língua comum, universal (o inglês) permite o mínimo de comunicação entre todos (IANNI, 2004). Chegamos à conclusão de que toda essa influência é reflexo de alguns fatores, entre o mais relevante, a globalização. Verificamos que é inegável a predileção por termos estrangeiros, resultando em uma total influência estrangeira e hegemônica do inglês na língua e na cultura

brasileira, o que pode causar uma alienação ou um uso demasiado dos mesmos sem ligação com um contexto lingüístico adequado.

[http://www.filologia.org.br/xicnlf/resumos/a\\_influencia\\_da\\_cultura\\_norte\\_americana.htm](http://www.filologia.org.br/xicnlf/resumos/a_influencia_da_cultura_norte_americana.htm)

Diante dessa realidade, faz-se necessário uma pedagogia que propicie ao aluno a percepção das implicações desses atos cotidianos que incluem e valorizam uma cultura estrangeira em detrimento de sua própria cultura. Na tentativa de amenizar essa influência resolvi ensinar a Língua Inglesa por meio de metodologia de pesquisa.

O tema escolhido foi **Aprender inglês: dominar uma cultura ou ser dominado por ela?** Tema que possibilita a aplicação da metodologia de pesquisa na sala de aula, exercitando a atitude científica como a objetividade, na procura de classificações necessárias aos objetos investigadas. Na avaliação quantitativa, buscam-se medidas de padrões, critérios de comparação e avaliação para coisas que parecem diferentes. Estabelece relações causais, depois de investigar a natureza ou estrutura do fato estudado e suas relações com outros semelhantes.

Esse processo pedagógico pode contribuir para a formação do aluno, pois lhes exigirá escolhas em relação aos caminhos a serem percorridos, durante a investigação, exigindo flexibilidade, reflexão e a expressão da criatividade do aluno pesquisador em parceria com o professor pesquisador.

O aluno e o professor deixarão de ser mero receptor dos resultados de pesquisas científicas para construtor de seus próprios conhecimentos.

Ao problematizar a influência que sofremos, buscamos dados para fazer uma análise crítica das conseqüências dessa cultura estrangeira sobre a nossa cultura popular, que:

Segundo o professor Nelson Salazar, a influência dos Estados Unidos começou com a indústria cinematográfica de Hollywood, depois o *rock and roll* e agora a alta tecnologia, que nos obriga a falar o idioma para entender aparelhos eletrônicos e, principalmente, o computador. "O Brasil é um país colonizado que se habituou a seguir modelos", afirma Salazar. Segundo ele, os jovens estão condicionados e alienados com a televisão e as rádios FM.

Na opinião do escritor, esta influência cultural americana está fazendo com que o brasileiro esqueça as suas origens. "O povo sem raízes fica perdido. Nos EUA e Europa, o patrimônio é conservado, como os bondes, castelos e centros. Aqui, tudo é destruído. A reconstrução da memória da cultura brasileira é um processo lento, pois deixaram ir longe demais", lamenta o escritor, que cresceu ouvindo músicas nacionais.

<http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000409.htm>

## Investigando com os alunos...

O projeto *“Aprender inglês: dominar uma cultura ou ser dominado por ela?”*, desenvolvido com os alunos das 6ª séries A e B da “E.M.E.F. Humberto Sousa Mello”, localizada no Bairro Jd. Bandeiras II, Campinas – SP. Este projeto visa desenvolver a aprendizagem da língua inglesa de uma forma crítica, reflexiva e dentro de uma proposta que proporcione maior participação e, portanto, maior autonomia ao aprendiz.

O saber que o aluno elabora em seu cotidiano constitui elemento de relevância, uma vez que é a partir dele que estabelece relações entre esse saber e o conhecimento formalizado pelas diferentes ciências, com o qual entra em contato na escola. A cidadania se constrói através da apropriação do conhecimento organizado e de sua aplicação a problemas da realidade cotidiana, (ALEXANDRE, 2008, p.08).

Para iniciar as pesquisas discutimos com os alunos alguns conceitos sobre ciências, pesquisa e metodologia científica. Como fundamentação teórica foram lidos alguns trechos dos textos “Ciência, Tecnologia, Metodologia Científica e Pesquisa” e “Algumas considerações sobre pesquisa”, ambos de autoria de Maria Thereza Alexandre.

Para melhor ilustrar e facilitar a compreensão do termo pesquisa perguntei aos alunos se eles já haviam assistido à algum filme ou desenho animado com história de detetive. Muitos responderam que sim. Dessa forma, foi feita a comparação entre as etapas de uma pesquisa com as etapas de uma investigação e, ainda, a comparação entre um pesquisador e um detetive, ressaltando o desenvolvimento crítico, o crescimento e contribuições que o trabalho de um pesquisador propicia.

Após os alunos compreenderem os conceitos de acima citados, foi solicitado que eles refletissem sobre um possível questionamento que envolvesse a aprendizagem da língua inglesa. Em seguida fizeram exposição oral de seus questionamentos, concluiu-se que o tema giraria em torno das seguintes questões:

“Porque a presença da língua e da cultura americana é tão forte em nosso país?” Hipótese: “Aprendemos inglês principalmente por causa do mercado de trabalho e porque ela está presente em quase tudo que vamos fazer: desenhos animados, nomes de lojas, músicas, filmes, etc; - É possível aprender uma língua se ela não aparece freqüentemente no nosso dia-a-dia?”

## A língua inglesa no dia-a-dia...

Os alunos começaram pesquisando a presença da língua inglesa no seu dia-a-dia, vejamos o que disseram:

*"(...) quando eu vou ao supermercado tem bastante coisas em inglês, como o creme dental close-up e muito mais..."* (ISABELLA TELES SILVA, 6ª série B, 2008).

*"(...) a rádio que eu escuto só toca músicas em inglês (...) tenho um DVD da banda Simple Plan e eu adoro bandas de rock."* (GABRIELLE FERREIRA, 6ª série B, 2008).

*"(...) às vezes eu como bolacha waffer (...) tomo milk shake (...) quando vou a Lan House gosto de jogar GTA, etc."* (CLÁUDIO HENRIQUE FERNANDES DE SOUZA, 6ª série B, 2008).

*"As marcas que eu gosto de usar: Billabong, Hot Point, Ombong, All Dress, Planet e Orkey"* (DANIEL FERREIRA ARRUDA, 6ª série A, 2008).

*"No computador gosto dos jogos: Harry Potter 3, The Sims, Country Striker e de acessar aos sites: Orkut, Google e Messenger."* (FERNANDA NATIELLI SMANIOTO, 6ª série A, 2008).



Foto 1. Tênis com palavras em Inglês



Foto 2. Blusas com palavras em Inglês



Foto 3. Boné com palavras em Inglês

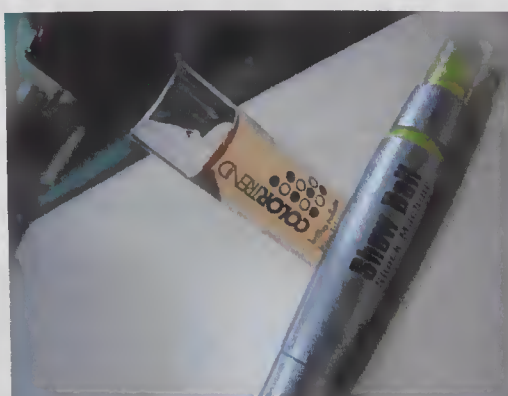


Foto 4. Brilho labial e caneta marca texto

As fotos 1, 2, 3 e 4 foram realizadas em sala de aula e demonstram o quanto a língua inglesa está presente em nosso dia-a-dia: expressões escritas

nas roupas e bonés, marcas de tênis e nomes de produtos (brilho labial e caneta marca-texto).

Além das observações realizadas pelos alunos sobre a presença da língua inglesa em seu cotidiano, realizamos uma visita ao Shopping Center Parque D. Pedro, na cidade de Campinas, SP. Lá, os alunos puderam verificar que, além de muitas lojas com nome em inglês, havia também alguns anúncios e propagandas escritos em inglês.

## Nomes de lojas em Inglês no Shopping D. Pedro

O levantamento de dados ocorreu em dois corredores cujo acesso se dá pela Entrada das Flores e Entrada das Árvores. Cada sala ficou responsável por um corredor. No corredor próximo à Entrada das Flores há um total de 48 lojas, sendo que 23 com nome em inglês ou obedecendo à estrutura da língua inglesa e outras línguas e 25 com nome em português. No corredor próximo à Entrada das Árvores, o total de lojas é de 68, sendo 34 com nomes em inglês ou estrutura da língua inglesa e outras línguas e 34 com nome em português.

*“( ..) .escrevi muitas coisas sobre a língua inglesa. No corredor em que eu fui tinha muitas lojas – várias com o nome em inglês (...) tinha também propaganda escrito em inglês. Anotamos tudo e até nomes de lanchonetes como McDonald’s, Bob’s e outras em inglês.” (DOUGLAS A. S. LOPES, 6ª série B, 2008).*

*“Eu gostei muito do passeio porque foi uma pesquisa muito legal e interessante e nós nunca tínhamos nem sequer ouvido sobre uma pesquisa assim” (LUCAS HENRIQUE DA SILVA MANOEL, 6ª A, 2008).*

*“Gostei muito porque eu percebi a presença da língua inglesa na nossa vida. No shopping foi muito legal. Eu nunca tinha percebido que havia tantas palavras em inglês no shopping center” (RACHEL DE JESUS SANTOS, 6ªA, 2008).*

Dando segmento ao resultado da pesquisa, os alunos realizaram gráficos utilizando os computadores da sala de informática da escola, (foto 1).



Foto 3. Alunos no computador

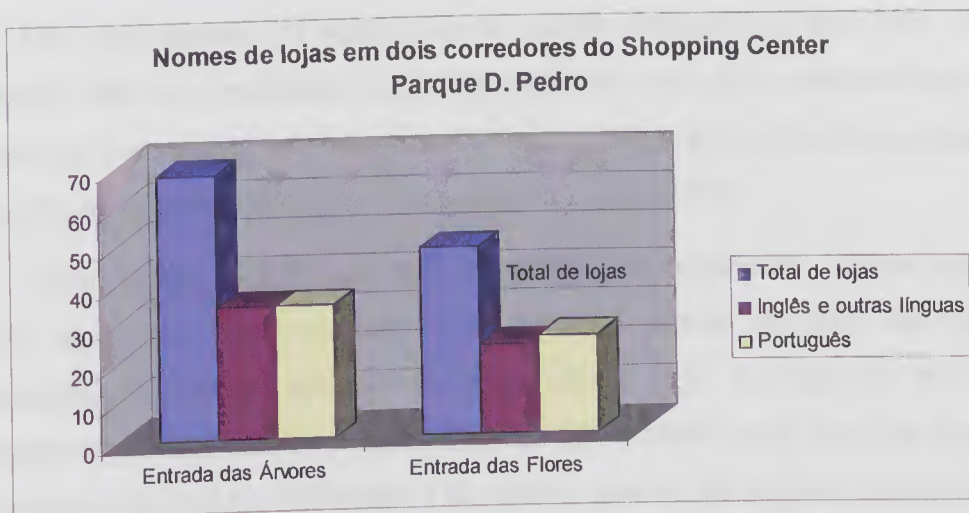


Gráfico 1. Nomes de lojas em dois corredores do Shopping Center Parque D. Pedro

Durante discussão realizada em sala de aula a respeito da grande quantidade de nomes de lojas em língua estrangeira – no corredor Entrada das Árvores, exatamente 50% das lojas contêm nomes em língua estrangeira e no corredor Entrada das Flores, um pouco menos que 50% (gráfico 1) - os alunos constataram que havia muito mais lojas com nomes em inglês do que eles imaginavam.

Concluíram que há lojas que pertencem a redes internacionais, mas há muitas outras que pertencem a brasileiros que colocaram o nome de seu estabelecimento comercial em inglês por parecer mais “chique”, ou seja, por dar mais status.

*Os comerciantes colocam o nome de suas lojas em inglês porque os nomes em inglês dão mais “glamour” às coisas, as deixam mais chiques, dão mais ibope. Eu não gosto quando as pessoas fazem isso, colocar o nome das lojas em inglês, porque desse jeito elas desvalorizam a sua própria língua. (FERNANDA NATIELLI SMANIOTO, 6ªA, 2008)*

*(...) eu acho que as lojas possuem nomes em inglês só para chamar a atenção das pessoas e conseguir vender mais. Fica muito sofisticado, elegante e interessante. (...) É legal porque nós, ocidentais, achamos interessante pessoas, culturas e falas de outros países. Chama muito a nossa atenção. (LUANA VANESSA DA CONCEIÇÃO, 6ªA, 2008).*

Nestes dois depoimentos podemos perceber que as alunas, embora concordem que nomes de lojas em inglês sejam mais chiques do que nomes em português, uma aprova e a outra, numa visão mais crítica, não, pois acha que tal atitude desvaloriza nossa língua.

Para complementar as informações e enriquecer as discussões acerca deste assunto, a professora de língua portuguesa trabalhou nas 6ªs séries dois textos contento diferentes pontos de vista.

Um dos textos “O idioma está sendo deturpado”, de Aldo Rebelo, deputado federal, demonstra uma oposição ao uso de palavras em inglês. Argumenta que está ocorrendo uma desnacionalização lingüística e propõe um projeto de lei que restrinja o uso de palavras estrangeiras.

Outro texto, “Nada de radicalismos”, do professor Sérgio Nogueira Duarte, apresenta uma postura mais flexível frente ao uso de palavras estrangeiras no nosso idioma. O autor afirma que a presença de termos estrangeiros no uso diário de uma língua não é crime, nem sinal de fraqueza. Ao contrário, é sinal de vitalidade. Diz, ainda, que só as línguas vivas têm essa capacidade de enriquecimento. Cita exemplos de muitas palavras francesas que, hoje estão integradas à nossa língua e justifica a forte presença de inglês na língua portuguesa como reflexo da globalização e do imperialismo econômico e tecnológico americano. O professor, porém, se opõe aos exageros e modismos e que só devemos usar termos em inglês quando não há em nossa língua um termo compatível.

Os textos trabalhados contribuíram no processo de compreensão da atividade realizada no shopping Center, assim como para o desenvolvimento de uma postura crítica em relação à quantidade de nomes de lojas em inglês e propagandas com termos em inglês.

## **Encontro com duas estrangeiras**

Como os alunos em geral demonstram fascinação pelo estrangeiro, levei em todas as salas que leciono uma americana do Texas que passava férias no Brasil e uma alemã de Siegen.

Para o encontro com a americana preparei os alunos, ajudando-os a elaborarem suas perguntas em Inglês escrito e oral. Gostaram muito, queriam saber tudo sobre ela e seu país, como vivem, como se vestem, as marcas de roupas e de tênis que usam lá, o que comem e se ela havia gostado do Brasil. Qual é o comportamento dos jovens de lá. Ficaram surpresos ao perceber que as músicas americanas que fazem sucesso aqui são as mesmas lá.

Esse encontro foi interessante, pois observaram como se dá o processo de globalização não como algo distante, parte das notícias jornalísticas ou da TV, mas sim ali, na sala de aula. Nesse contato com a estrangeira, perceberam

que há muitas semelhanças no modo de viver dos jovens brasileiros e dos jovens americanos, e talvez dos jovens dos demais países de todo o mundo.

Esse intenso interesse do aluno pelo estrangeiro me chamou a atenção e alguns comentários deles permaneceram em minha mente, como estes: “... nossa, professora, eu gosto da senhora, mas depois que você trouxe essa americana, passei a gostar mais ainda!”, “nossa, muito legal! Que creme será que ela usa?! Ela tem uma pele maravilhosa! Ela é linda!”, “... professora me leva para os States?!!!!”, “... ah!! não vá embora! Please!!!!”, “Professora, quando a senhora vai trazê-la de novo???”.

O interesse e a curiosidade voltaram a acontecer quando uma alemã começou a freqüentar a escola. Ela veio ao Brasil devido a um acordo entre a Universidade de Siegen e Unicamp, com o objetivo de desenvolver um projeto junto aos alunos da rede pública brasileira dentro de um período de três meses. Os alunos ao perceberem a presença de uma estrangeira circulando pela escola vieram perguntar quem era, porque estava freqüentando a escola, etc. Diante dessa curiosidade, orientei-os novamente na elaboração de perguntas em inglês para que eles pudessem entrevistá-la. Vejamos o que diz a aluna Francisca sobre essa entrevista:

*A chegada da alemã “Marlén” no dia 15 e 20 de agosto de 2008 na escola foi uma oportunidade de saber como é a Alemanha.*

*Depois da chegada dela, tive mais curiosidade de conhecer a Alemanha e saber como são as cidades, as lojas, os shoppings, como as pessoas agem no trânsito.*

*Depois, ela começou a dar aulas de informática, trabalhar no computador, após ter feito 6 meses de aula de Português, (aluna FRANCISCA NAILZA DE VASCONCELOS DA COSTA, 6ª B).*

De repente, durante a elaboração das questões em inglês, um aluno teve um “insight”:

***“Espera aí, professora! Se a moça é alemã, porque estamos fazendo as perguntas em inglês???”***

Mais uma vez puderam perceber, agora em situação real, a intensidade e extensão do ensino da língua inglesa.

Torna-se importante ressaltar que nas aulas de línguas é necessária uma concepção de linguagem não somente como instrumento de comunicação, de transmissão de informações, a linguagem deve ser tomada

como interação, atividade, um modo de ação social entre sujeitos produtores de sentidos situados sócio-historicamente e ideologicamente constituídos. (VASCONCELOS, 2003, p.165)

Com as salas 6ª A e 6ª B, onde desenvolvo o projeto de pesquisa citado acima, além das curiosidades pessoais e culturais, elaboramos também algumas questões sobre os impactos da globalização na Alemanha, após a realização de uma pesquisa e discussão sobre globalização nas aulas de inglês e de geografia. As questões elaboradas foram: *Are there many fast foods in Germany? Do Germans usually listen to American musics? Are there many imported products in Germany? Do German people celebrate "Halloween"? Do Germans watch American movies?*



Foto 4. A alemã Marlén com os alunos

Vejamos o que dizem os alunos sobre essa entrevista:

*Ela falou que a globalização tem na Alemanha também como aqui no Brasil com vários produtos importados (GABRIELLY MEDEIROS, 6ª B, 2008).*

*Eu achei a Marlén uma pessoa muito simpática, ela fala um inglês ótimo. A língua do país dela é um pouco difícil. Ela veio conversar com a gente da 6ª B no dia 15 e 20 de agosto, ela falou bem, mas tem algumas horas que não dava para*

*entender. Ela falou que: - tem os fast food, como Burguer King, Mac Donald's, Subways e muitos produtos importados; - celebram o Halloween, ouvem muitas músicas em inglês. Eu achei muito interessante a Marlén vir de um país tão longe e a aprender a língua brasileira em 3 meses (ISABELLA TELES SILVA, 6ª B, 2008).*

*A gente aqui pensava que lá era tudo novo, diferente, mas tem muita coisa igual e comum (EDINAM MIRANDA DO NASCIMENTO, 6ªB, 2008).*

Nesta entrevista, além de sanarem suas dúvidas e curiosidades sobre a Alemanha e seu povo observaram o processo de globalização da língua inglesa e a expansão da cultura norte americana.

Observei que os alunos supervalorizam a cultura estrangeira. Por isso, resolvi pesquisar qual é a visão que eles possuem de si próprios, de nossa cultura e de nosso país.

## MAPEANDO IDENTIDADES

Nós, brasileiros, somos um povo em ser, impedido de sê-lo.  
Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a  
mestiçagem jamais foi crime ou pecado.  
Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo.  
Essa massa de nativos viveu por séculos sem consciência de si...  
Assim foi até se definir como uma nova  
identidade étnico-nacional, a de brasileiros...  
Darcy Ribeiro, em *O Povo Brasileiro*  
<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/esTudosbrasileiros/povobrasileiro/index.htm>

Para discutir identidade, faz-se necessário pensar a constituição do sujeito em nossa formação social, pois é nas relações sociais que os sujeitos se constituem. Na concepção de Foucault (1979), existe uma relação entre saber-poder, a qual ele denomina “microfísica do poder”. Nessa relação, os “pequenos poderes” (formados a partir de um saber) constituem uma verdade (poder) e influenciam a constituição dos sujeitos.

Dessa forma, para se constituir, o sujeito se submete a uma formação social, mas precisa apresentar-se com uma individualidade. Esse processo, entretanto, não é tão simples, tal como discute Orlandi (2000, p. 105):

O sujeito de nossa formação social está, de certo modo, “amarrado” à individualidade. Ou seja, ele não é a simples expressão de sua liberdade mas, até certo ponto, é uma injunção: injunção esta que, nos procedimentos pedagógicos aparece como a compulsão à ‘originalidade’ ou obsessão da ‘criatividade’ obrigatória. Essa exigência mostra, na realidade, a necessidade que temos de um sujeito individualizado, visível, calculável, logo identificável e, portanto passível de controle. Um sujeito que se apresente com coerência, com certa permanência (duração), certa especificidade, e do qual se pode dizer algo, podendo-se, conseqüentemente, ter dele um certo domínio.

Assim, mesmo que exista, nos processos pedagógicos, uma injunção “ao ser original”, isso se faz a partir de comportamentos padronizados e de conceitos pedagógicos pré-definidos do que é ser um bom ou mau aluno, do que se deve ou não aprender. Reportando-nos ao que dissemos anteriormente, a partir das discussões apresentadas por Moita Lopes, todo o imaginário que se forma com relação ao aprendizado de uma língua estrangeira, está submetido às injunções sociais. Injunções essas pautadas pela força que tem

uma língua na construção da identidade nacional e do que pode representar aprender uma outra língua.

O fascínio que o “outro”, o “estrangeiro” causa no brasileiro pode ser algo revelador de aspectos constitutivos de nossa história, portanto de nossa identidade. Observar e trazer para o nível da consciência ações, palavras e comportamentos pode ser o passo inicial para uma compreensão maior de si, a partir do outro.

Coracini (2003, p.198) apóia-se na seguinte formulação em sua análise das representações dos alunos e professores sobre a língua estrangeira como parte constitutiva da identidade:

Os estudantes e os professores de uma língua estrangeira constituem sujeitos irreversivelmente afetados pela alteridade, bem como pelo estranhamento de si (do eu) que os constitui diante do outro mais ou menos desconhecido, com quem se identificam (de maneira positiva ou negativa). O contato com outras línguas e, portanto, com outras culturas favorece a percepção do estrangeiro que nos habita (Kristeva, 1988), pois esse contato provoca o retorno sobre si mesmo, sobre sua própria cultura, criando, assim, um espaço para o questionamento da univocidade e da homogeneidade aparentes e ilusórias que caracterizam todo discurso e com maior razão ainda o discurso da sala de aula.

Ainda, sobre esse processo de distanciamento, tão necessário para a compreensão de si, Marília Amorim (2004) usa o termo *estranhamento* para se referir a uma condição necessária na função do pesquisador e seu objeto de pesquisa.

O estranhamento sendo a condição de princípio de todo procedimento, eles advertem que, muitas vezes, é necessário construí-lo. A imersão num determinado cotidiano pode nos cegar justamente por causa de sua familiaridade. Para alguma coisa se torne objeto de pesquisa, é preciso torná-la estranha de início para poder traduzi-la no final: do familiar ao estranho e vice-versa, sucessivamente, (AMORIM, 2004, p.26).

Torna-se importante, pois, definir o termo identidade não como características mais ou menos fixas que definem um indivíduo participante de um dado grupo e ao mesmo tempo em que distinguem de outros indivíduos pertencentes a outros grupos. Entenda-se, aqui, identidade por processo identitário, processo complexo e heterogêneo, do qual só é possível capturar momentos de identificação, (CORACINI, 2003, p.198). Portanto, se quisermos falar de identidade é preciso tomá-la no plural e vê-la como incompleta, sempre em movimento, processo que não cessa jamais, construído pelo discurso, pela linguagem (SILVA, apud CORACINI, 2003, p.199).

Observei que os alunos consideram a cultura dos outros melhor que a deles e resolvi pesquisar qual é a imagem construída por eles a respeito de si mesmos e do estrangeiro. Na tentativa de mapear a identidade dos alunos da 6ª A e 6ª B elaborei um questionário, que foi respondido por 42 alunos das séries 6ªA e 6ª B. A seguir, os gráficos com as informações mais recorrentes nas respostas deles.

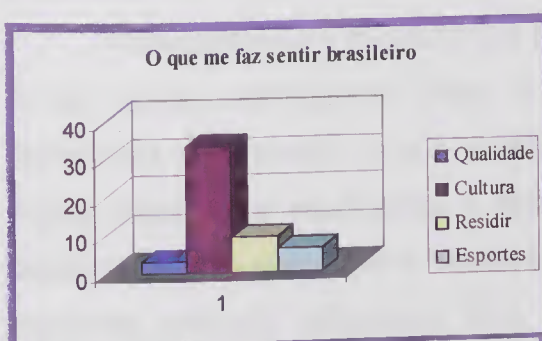


Gráfico 2. O que me faz sentir brasileiro

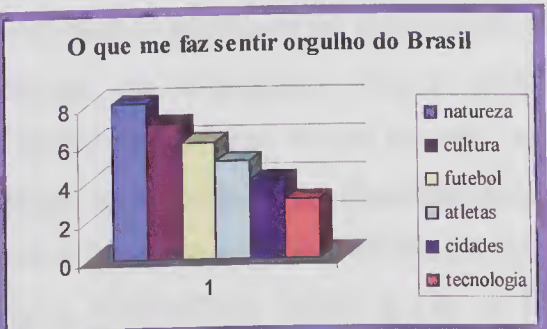


Gráfico 3. O que me faz sentir orgulho do Brasil

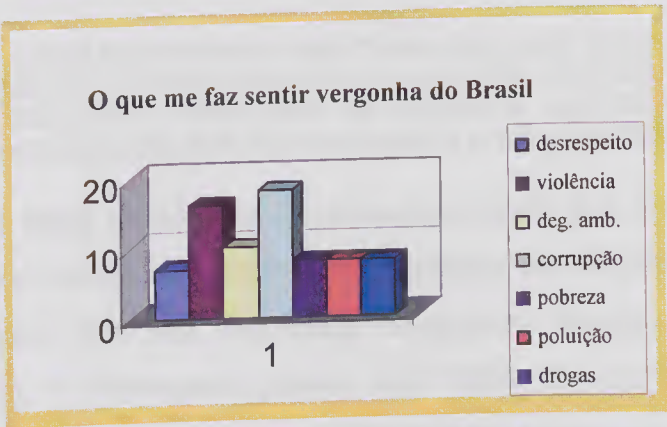


Gráfico 4. O que me faz sentir vergonha do Brasil

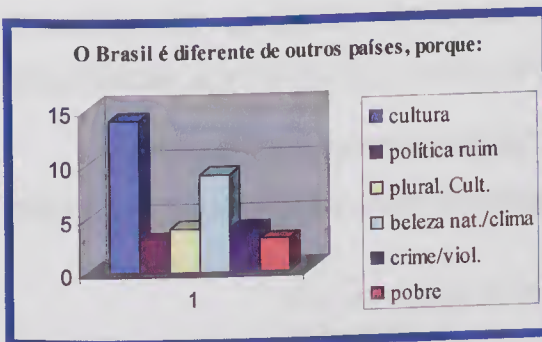


Gráfico 5. O Brasil é diferente de outros países

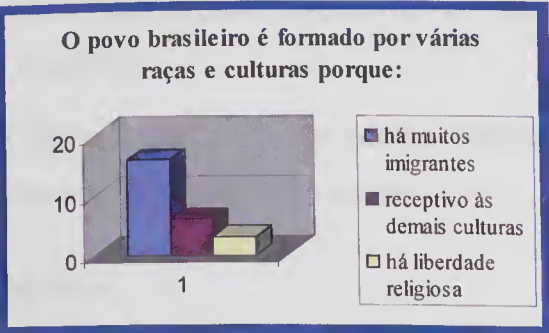


Gráfico 6. O povo brasileiro é formado por várias raças e culturas porque:

Observamos, principalmente, nos gráficos 2 e 3, a presença de muitos estereótipos, de muitas frases feitas que são recorrentes na mídia para a formação do imaginário dessas crianças a respeito do que há de positivo e negativo em seu país. Os itens citados como vergonhosos a respeito do Brasil,

sua diferenciação dos demais países e sua pluralidade cultural (gráficos 4, 5 e 6) demonstram que, a imagem que eles têm de outros países (entende-se aqui uma referência a países desenvolvidos) é a do local ideal, do desejo e do sonho, sem desigualdade social, sem corrupção, violência, desemprego, etc. A imagem de países estrangeiros como paraísos terrestres, provavelmente são reforçadas também pelos livros didáticos e propagandas turísticas.

Transportando a imagem que esses alunos possuem de seu próprio país e de países estrangeiros para o campo da linguagem, língua materna representa a opressão, pois o sujeito reconhece o peso social de seu uso e língua estrangeira representa a liberdade, local onde tudo (ilusoriamente) é possível, pois o estrangeiro desconhece o “peso” de alguns vocábulos ou os aspectos culturais veiculados pela língua (CORACINI, 2003, p.148 e 149). Vejamos o que diz Marília Amorim:

Quanto à oposição que costumamos fazer entre língua estrangeira e língua materna, encontramos em Derrida a idéia de que a língua materna, com seu poder local e tribal pode ser opressora, paralisante enquanto que o estranhamento pode ser extremamente criador. (AMORIN, 2004, p. 28).

André Ming (2003) cita Dornbusch ao dizer que o olhar estrangeiro deve ser encarado como um elemento enriquecedor da relação consigo mesmo ou com a cultura que nos tornamos co-autores desde a aquisição da linguagem. Afinal, o estrangeiro possui uma visão de nós diferente da que mantemos e, por meio de um diálogo entre as duas formas de pensar, pode-se encontrar um conjunto interseção muito mais amplo, mediador de novas descobertas acerca do *eu*, nosso maior mistério.

Portanto, para complementar o estudo sobre a identidade brasileira, elaborei um questionário para a estagiária alemã Marlén responder:

1-Eu acho que o brasileiro é:

talkative;  
helpful;  
kind and lovely;  
interested in other people;  
loves music and dance  
likes samba, carnival and soccer.

2-Os elementos que aproximam os brasileiros dos alemães são:

family and friends are very important aspects in Brazilian life;  
both people – Germans and Brazilians – like to celebrate parties.

3-Os elementos que distanciam os brasileiros dos alemães são:  
Brazilian people are very emotional – from the beginning of a relationship;  
German people need more time to come out and show emotions;  
Foreigners are very welcomed and well treated in Brazil, but not always in Germany.

4-Como é ser estrangeira no Brasil?  
I like being in Brazil and I can imagine to live here;  
It's my first time in Brazil and in the first days I was skeptical because everything was new and unknown;  
But all the time people treated me kind and were friendly and everybody offered me to help.

5-Você já visitou outros países? Quais? Como você foi tratada nesses países?  
I have never spent such a long time in another country than in Brazil;  
I've visited London, Paris, Prague and Budapest, yet;  
But people in England and France are not very friendly and kind towards Germans;  
In Hungary and the Czech Republic people welcome Germans very well and friendly, too.

6-Você já conheceu algum brasileiro na Alemanha?  
Yes, I've known a Brazilian woman there, yet: my Portuguese teacher Ana Paula (she teaches at the University of Siegen).

Na descrição que Marlén faz de suas percepções em relação ao brasileiro e seu jeito de ser, podemos notar a sua inscrição em discursos que veiculam na mídia, guias turísticos ou, ainda, em livros didáticos. É sabido por todos da associação da imagem do brasileiro ao futebol e ao carnaval.

Outra informação recorrente em suas respostas é a hospitalidade brasileira. Os brasileiros sentem curiosidade sobre o país estrangeiro e querem saber como vivem. Sentem-se felizes em poder ajudar. Torna-se importante ressaltar que tal característica não é exclusiva dos brasileiros, já que ela menciona ter tido uma boa receptividade na Hungria e na República Tcheca. A emotividade do brasileiro é um aspecto que se contrapõe a cultura alemã.

Coracini (2003, p.151) nos fala da constituição do sujeito através do olhar do outro:

Kristeva, em seu livro *Etrangers à nous-même* (1991), revela-nos a complexidade da identidade, já que o outro, o estrangeiro, habita em nós, de modo que somos o que o outro pensa que somos; a imagem que fazemos de nós mesmos é construída, ao longo da vida, por aqueles com quem convivemos e estes vão provocando em nós deslocamentos, ressignificações, novas identificações pela linguagem.

O estudo realizado até o presente momento direciona as ações futuras para um trabalho em prol da valorização do sujeito-aluno, contribuições para o processo de formação de identidade, posto que é algo infindável.

E, os alunos, com uma maior compreensão de sua constituição identitária enquanto aprendizes de língua estrangeira terão a possibilidade de construção de um olhar mais perspicaz sobre o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na escola. Não apenas nos aspectos de apreensão de conteúdos lingüísticos ou de instrumentos para a comunicação, mas sim de levar em conta as posições ocupadas por eles na qualidade de sujeitos da enunciação e a complexidade das relações dos indivíduos com as línguas, tanto materna quanto estrangeira. (GRIGOLETTO, 2003, p. 234).

Faz-se necessário ressaltar que, como resultado do estudo até o momento, houve uma transformação na maneira de entender as influências que sofremos da cultura norte-americana devido ao processo da globalização. Não dá para negar que, de alguma forma, sofremos um processo de dominação cultural. Porém, se tivermos um olhar cuidadoso sobre esse processo econômico, político e cultural no qual estamos inseridos, poderemos deixar de ter uma postura passiva e, a partir de nosso cotidiano, na relação com o outro, que constitui a relação consigo mesmo, transformar, reconstruir nossa identidade.

Vale à pena ressaltar que as relações de transformações lingüísticas e culturais não ocorrem somente num cenário de dominação de poder político e econômico superior, de forma descendente. Elas simplesmente ocorrem nas relações. Como exemplo, pode ser citado o fenômeno lingüístico "Splanglish" que ocorre nos Estados Unidos. Trata-se da fusão entre as culturas anglo-saxônica (dominante) e latina (marginal), prevalecentes no país. Percebe-se que ambas as culturas vem assimilando a cultura uma da outra: para Stavans, o sucesso crescente de artistas pop latinos nos Estados Unidos (ao que se

sabe, bem disseminado entre os não-hispânicos), como Ricky Martin, Jennifer Lopes e Christina Aguilera, confirma a ampla penetração de sua cultura no país (PEREZ, apud MING, 2003, p.102).

Como primeira ação desse processo de compreensão de constituição identitária, produzi um texto sobre a história de um nome. Desta forma, além do contato com a língua estrangeira, os alunos tiveram a oportunidade de pesquisar a história de seus nomes e contá-las.

*The story of my name*

*When my mother was pregnant, she and my father didn't know which name they would give me.*

*Then, one night my mother dreamed. In her dream she saw my father calling me Paula. When she woke up, she told the dream to my father. He liked it a lot and from that moment, they started to call me by my name – Paula.*

*I like very much my name. I believe I have chosen it when I was in my mother's belly.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Surpreendeu-me o quanto estamos acostumados com a presença da língua, produtos importados, e até mesmo produtos nacionais e lojas com nomes em inglês ou que obedecem à estrutura da língua inglesa. E tudo isso ocorre naturalmente, porém sempre carregado da ideologia da globalização, do consumismo e aparente neutralidade.

O encantamento com estrangeiros fora algo não menos surpreendente. E a representação desse encantamento explicado através da psicanálise e da Análise do Discurso – linha francesa nos revelou o valor da *alteridade*, o quanto somos constituídos pelo outro, pelo estrangeiro. E o quanto nosso inconsciente está presente, latente, ditando as regras do jogo sem que, muitas vezes, nem nos damos conta. A observação das reações, atitudes, individuais ou coletivas, pode ser reveladora e representar a escolha do caminho a ser seguido.

Valorizar a identidade dos alunos, propiciando a tomada de consciência de si, como agente e produtor de sentidos no contexto sócio-historicamente e ideologicamente constituídos. O processo pedagógico via metodologia de pesquisa possibilita essa valorização, que ao exigir escolhas e posicionamentos cria-se situações e condições para o processo de emancipação. Além, de um aprendizado contextualizado e carregado de sentido para alunos e professores, contribuindo para a construção de um novo cotidiano escolar e, conseqüentemente, de uma sociedade com respeito ao diferente, o estranho que tanto nos constitui e significa.

O uso da língua em situação real ao apropriar-se de expressões e o contato revelador com o estrangeiro, mostrando, talvez, não ser tão estrangeiro, representou uma experiência importante na percepção e valorização de sua própria cultura.

O envolvimento dos alunos aconteceu de forma gradativa. Em algumas atividades eles demonstraram motivação e participação intensa e, em outras, nem tanto. Em alguns momentos percebi falta de iniciativa e esperavam, ainda, que o professor lhes dissesse o que deveriam ou não fazer. No entanto, trabalhar a emancipação destes alunos pode ser um processo lento e gradativo e que exige paciência e reflexão de todos os envolvidos.

Os alunos participantes do trabalho de pesquisa obtiveram “ganhos”, principalmente em dois aspectos: foram introduzidos a uma forma de trabalho desconhecida para eles até o momento – a metodologia de pesquisa – e a elevação da auto-estima.

No final do ano letivo, os alunos organizaram as informações e ações realizadas, bem como os resultados nos computadores do laboratório de informática e apresentaram para as demais turmas da escola.

A socialização do trabalho gerou nestes alunos enorme satisfação e elevação de auto-estima. Eles se sentiram capazes e orgulhosos da pesquisa realizada, principalmente quando notavam o olhar e comentários positivos da platéia.

## BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDRE, Maria Thereza. **Algumas considerações sobre pesquisa**. MEMO, LEIA, 2008.
- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004. (p.01/91).
- CORACINI, Maria José (org.). **Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.
- CORACINI, Maria José. **Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade**. In *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.
- CORACINI, Maria José. **A celebração do outro**. In *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. (p.197/221).
- DEMO, Pedro. **A Pesquisa como princípio educativo**. In *Pesquisa: princípio científico e Educativo*, Demo, P. São Paulo: Cortez, 2005 (p.77/97).
- DICKEL, Adriana. **Que sentido há em ser professor-pesquisador no contexto atual?** Contribuições para o debate. In *Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Geraldini, Corinta Maria Grisolia, Fiorentini, Dario, Pereira, Elisabete Monteiro de Aguiar (orgs.). Campinas: Mercado das Letras/Associação de Leitura do Brasil-ALB, 2003. (p. 33/71).
- GRIGOLETTO, Marisa. **Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira**. In *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Maria José Coracini (org.). – Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.
- KRAMER, Sonia. **Escrita, experiência e formação – múltiplas possibilidades de criação de escrita**. In *Linguagens, espaços e tempos de ensinar e aprender/ Encontro Nacional de Didática e prática de Ensino (ENDIPE)* – Rio de Janeiro: D&P, 2001. 2ª ed.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder** / Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MACHADO, Nilson José. **Sobre a idéia de projeto** (p. 01/37) e **Educação: seis valores para todos os projetos**. In Educação: projetos e valores. São Paulo: Escrituras, 2000. (p.39/67)

MINAYO, M.C.S. **Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social**. In Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade, Minayo, M.C.S. (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 4ª edição, 1994. (p.9/27).

MING, André. **Os signos do outro: A experiência lingüístico-cultural da alteridade**. In Revista Trabalhos em Lingüística Aplicada, (42), ISSN 0103-1813. Campinas: Oficinas gráficas da UNICAMP, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade). P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 2000.

SILVA, T.T. da. **“A produção social da identidade e da diferença”**, in T.T. da Silva (org.), Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. In Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades. Maria José Coracini (org.). – Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento**. 6ª série. São Paulo: Editora Moderna, 2002. 1ª ed.

VASCONCELOS, Sílvia Inês Coneglian Carrilho de. **O début, o inaugural, no discurso do professor de português como língua estrangeira sobre sua formação profissional**. In Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades. Maria José Coracini (org.). – Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

WALESKO, Angela Maria Hoffmann. **A interculturalidade no ensino comunicativo de língua estrangeira: um estudo em sala de aula com leitura em inglês**. Curitiba, 2006.

<http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000409.htm>

## Anexo

Tradução das questões elaboradas para a entrevista com Marlén:

- Há muitos fast foods na Alemanha?
- Os alemães normalmente ouvem músicas americanas?
- Há muitos produtos importados na Alemanha?
- Os alemães comemoram o Halloween?
- Os alemães assistem filmes americanos?

Tradução das respostas de Marlén:

1- Eu acho que brasileiro é:

- falante;
- prestativo;
- amável e agradável;
- interessado por outras pessoas;
- adora música e dança;
- gosta de samba, carnaval e futebol;

2- Os elementos que aproximam os brasileiros dos alemães são:  
família e amigos são aspectos muito importantes na vida brasileira;  
ambos os povos – alemães e brasileiros – gostam de festas.

3- Os elementos que distanciam os brasileiros dos alemães são:  
os brasileiros são muito emotivos – desde o início de um relacionamento;  
alemães precisam de mais tempo para demonstrarem suas emoções;  
estrangeiros são muito bem vindos e bem tratados no Brasil, mas nem sempre na Alemanha.

4- Como é ser estrangeira no Brasil?  
eu gosto de estar no Brasil e eu consigo me imaginar morando aqui;  
é a primeira vez que venho ao Brasil e nos primeiros dias eu estava cética porque tudo era novo e desconhecido;  
mas o tempo todo as pessoas me tratavam bem e eram amigas e todos se ofereciam para me ajudar.

5- Você já visitou outros países? Quais? Como você foi tratada nesses países?

Eu nunca tinha passado tanto tempo em outro país como aqui no Brasil;

Eu já visitei Londres, Paris, Praga e Budapeste;

As pessoas na Inglaterra e França não foram muito amigáveis e simpáticas com os alemães;

Na Hungria e na República Tcheca, as pessoas receberam muito bem os alemães e foram muito amigáveis também.

6- Você já conheceu algum brasileiro na Alemanha?

Sim, eu conheci uma mulher brasileira lá: minha professora Ana Paula (ela leciona na Universidade de Siegen).

**Texto : A história de meu nome**

Quando minha mãe estava grávida, ela e meu pai não sabiam qual nome eles dariam a mim.

Então, uma noite minha mãe sonhou. Em seu sonho ela via meu pai me chamando de Paula. Quando ela acordou, ela contou seu sonho para meu pai. Ele gostou muito do nome e, a partir daquele momento, eles começaram a me chamar pelo meu nome – Paula.

Eu gosto muito de meu nome. Eu acredito que eu o escolhi quando eu estava na barriga de minha mãe.